

Associação Brasileira

Cristãos na Ciência

BOLETIM - ANO 4 - NÚMERO 1 - JUNHO/2018

II CONFERÊNCIA NACIONAL CRISTÃOS NA CIÊNCIA

Razão e Propósito no Universo:
Fé, Ciência e Teleologia

1 a 3 de novembro de 2018
Recife / PE



EVENTO REUNIRÁ PESSOAS DE TODO O PAÍS E TRAZ NA PROGRAMAÇÃO GRANDES NOMES DO CENÁRIO MUNDIAL EM FÉ E CIÊNCIA.



AS INSCRIÇÕES ESTÃO ABERTAS E É POSSÍVEL ADQUIRIR INGRESSOS A PREÇOS INCRÍVEIS NOS LOTES PROMOCIONAIS.



CONFIRA MAIS SOBRE OS INTERESSANTES ASSUNTOS QUE SERÃO ABORDADOS NO EVENTO.

É tempo de falar sobre *propósito*

Com muita alegria e sentido de urgência temos anunciado o tema da II Conferência Nacional de Cristãos na Ciência: *Razão e Propósito no Universo: Fé, Ciência e Teleologia*. Acreditamos que a palavra *propósito* tem um lugar muito especial no mundo contemporâneo. Eu tenho uma breve história para contar a respeito disso.

O tempo das perguntas

Em 2009, num encontro da equipe internacional de L'Abri Fellowship, ouvi uma conversa muito interessante entre os obreiros seniores: que nos anos 1950 e 60, o L'Abri viu aumentar o interesse dos jovens por significado da vida e, até mesmo, uma explosão de desespero e perguntas existenciais nos anos 70. Mas em 1984, Francis Schaeffer faleceu e o número de visitantes nas várias comunidades L'Abri caiu dramaticamente. A turma pensou que isso se devia à morte do fundador e pensou-se até em fechar o ministério. Mas então, para a surpresa de todos, o número de pessoas voltou a subir nos anos 90.

Aos poucos veio a eles uma explicação: a geração revolucionária dos anos 60 e os hippies dos 70 queriam respostas às suas perguntas, mas a geração Yuppie dos anos 80 escolheu Wall Street e preferia ganhar dinheiro. Em seguida emergiu, no entanto, o movimento Grunge e as perguntas existenciais voltaram à mesa. E no princípio dos anos 2000 todos notaram uma forte psicologização do sofrimento pessoal e das buscas individuais por felicidade nos estudantes que vinham ao L'Abri.

E assim aprendemos a reconhecer que gerações diferentes enfrentam – ou não enfrentam - as grandes questões da vida de modos diferentes.

As perguntas de hoje

E quanto ao presente? Não tenho dúvidas de que nos encontramos bem no meio de uma gigantesca retomada da questão do propósito da vida. A partir de L'Abri, temos visto isso claramente, com o aumento do interesse por respostas existenciais que sejam mais do que consolos psicológicos.

Trata-se de um fenômeno geral. Temos, hoje, a improvável figura do “filósofo pop” e um enorme interesse por temas éticos e políticos. Estatísticas recentes mostram que o brasileiro médio tem mais interesse na Operação Lava-Jato e nas decisões do STF do que pela Copa do Mundo. É notória também a semelhança espiritual entre os jovens atuais das grandes cidades em todo o mundo. O advento da internet e depois das redes sociais metabolizou essa comunicação cultural, de modo que as questões ideológicas, éticas e existenciais obedecem a uma lógica globalizada.

Dentro das igrejas isso também é evidente. A geração atual de jovens adultos, assim como a nova juventude de que está emergindo, tem se mostrado sedenta de sentido e propósito - sedenta de respostas honestas. Por toda parte ouve-se questionamentos ansiosos sobre como integrar fé e trabalho, sobre o lugar da sexualidade na vida Cristã, sobre qual seria o verdadeiro Evangelho e, também, sobre como lidar com a rejeição ao Cristianismo nas universidades. As novas gerações de cristãos e não cristãos têm muitas perguntas.

Esse grande rio de questões existenciais é alimentado por vários cursos d'água: o individualismo narcisista engendrado pela modernidade criou um tremendo problema identitário e as pessoas têm gritado com raiva e desespero, através das políticas de identidade, por alguma resposta. As paixões políticas são testemunhas disso. No mundo intelectual, o movimento “neoateísta” surgiu, como notou Alister McGrath em seu livro “O Crepúsculo do Ateísmo” (The Twilight of Atheism, sem tradução), como uma reação agressiva contra o aumento da influência global da religião. Na ciência, um crescente diálogo entre fé e ciência traz à tona os diversos sinais de propósito inscritos na estrutura do universo físico e biológico. E vários pensadores sociais, preocupados com a questão do propósito e dos fins humanos na organização da sociedade,

têm se manifestado contra a hegemonia do utilitarismo moral. A busca por propósito no universo, na história, na vida moral e política e na existência individual é um dos fios condutores da consciência contemporânea. Mas o fracasso em unificar as respostas é a sua tragédia.

Por que a ciência importa?

Mas qual seria exatamente o lugar da ciência nessa conversa?

Como Francis Schaeffer colocou diversas vezes, existe apenas uma razão para ser cristão: que isso seja a verdade sobre o universo. Isso é importante, porque não é possível encontrar um sentido “pessoal” ou “individual” para a vida sem em algum momento relacionar esse sentido com o universal. Se dou a mim mesmo um propósito, arbitrariamente, apenas para me sentir bem, mas no mundo não há direção nem razão para o universo, minha vida não passa de uma fraude. E em algum momento serei existencialmente desmascarado pelo desespero.

Por isso é tão importante buscarmos integrar as diversas partes de nossa vida mental e moral. Se Jesus Cristo é o centro do mundo temporal, se de fato todos os fios no tecido da realidade têm nele sua “amarração”, então deve ser possível contemplar essa convergência e ouvir essa ressonância.

Precisamos disso, em primeiro lugar, para o nosso culto: se vamos adorar a Deus, por meio de Jesus, por tudo o que existe – a natureza e a história, os astros, os seres vivos, o tempo, a cultura humana, o juízo de Deus sobre os povos, o serviço da igreja Cristã nos últimos 2000 anos, e até mesmo por coisas mais próximas como os tratamentos médicos aos quais recorreremos e os aviões nos quais voamos para cumprir nossas vocações, é preciso que contemplemos a glória de Cristo nessas coisas.

Mas precisamos disso, também, para o nosso testemunho. Se o mundo é a caixa de ressonância do Evangelho, precisamos tocar a corda do Evangelho dentro dessa caixa. Precisamos mostrar que Cristo não é o escape da realidade, mas a razão de ser do mundo. Mas, para isso, precisamos apontar o propósito: “tudo foi criado por meio Dele, e para Ele” (Colossenses 1.16).

Ocorre, no entanto, que as universidades e centros de pesquisa em todo o mundo são fábricas de interpretações da realidade. Não apenas muitos fatos, mas muitas visões desses fatos são geradas a partir do que chamamos de “Campo Científico”. E se a ressonância entre Cristo e a realidade não é mostrada também nesse ambiente, falsas respostas às perguntas existenciais irão prevalecer sem contestação. Entre elas, uma resposta falsa e terrível: a de que a vida e o universo não têm nenhum propósito.

Por um lado, temos o Naturalismo Científico, dominante nas ciências naturais, afirmando que o universo é fruto de uma combinação de acaso e necessidade, que a moralidade, a racionalidade e os grandes valores humanos são ilusões causadas pelo processo evolucionário e que a consciência e a liberdade são fenômenos epigenéticos do cérebro humano. Por outro lado, temos o Historicismo Absoluto ou “Antirrealismo Construtivo” (nas palavras de Alvin Plantinga) nas Humanidades, afirmando que o mundo humano é um mero construto cultural, histórico, ou linguístico; e que as regras sociais, econômicas, morais, no direito, e até mesmo a psicologia humana resultam de discursos e performances padronizadas. Uns cultuam a Natureza; ou-

tros cultuam a liberdade. E o que se perde, em ambos, é o propósito: ou é uma ilusão da mente, ou uma invenção da mente. Mas não é real: não existe lá fora, apenas em nossas cabeças.

Ora, para realizar publicamente o seu culto e o seu testemunho, a igreja precisa afirmar que existe propósito. Como João Batista, ela deve preparar o caminho do Senhor, demonstrando em sua vida intelectual e em sua forma de participar do Campo Científico, que existe propósito no universo. Ela mesma deve se tornar a caixa de ressonância e demonstrar, por seu engajamento com as ciências naturais, as humanidades e as artes, que sua mensagem não diz respeito a um mundo imaginário, mas ao mundo real. E para tanto, ela deve desafiar os ídolos do Naturalismo Científico e o Anti-realismo Construtivo.

A tarefa deste tempo

Para cumprir essa tarefa, eu creio que será preciso construir pontes entre as igrejas e o Campo Científico. É preciso que tenhamos embaixadas de sentido, para realizar a tradução mútua entre a linguagem da ciência e a linguagem do Evangelho, e para mostrar que os ídolos do Naturalismo Científico e do Antirrealismo Construtivo são, na verdade, inimigos da ciência.

Quem deve compor essa embaixada? Pessoas das igrejas e pessoas da academia. Ministérios paraeclesiais não serão suficientes para isso. E pastores, como eu mesmo, não serão suficientes para isso. É necessária uma união estratégica entre pastores, professores universitários e líderes estudantis para aperfeiçoarmos a nossa comunicação com os campos acadêmicos e científicos do Brasil.

Nesse ponto tenho algo a dizer como pastor e teólogo. É notório o desânimo na juventude contemporânea diante de igrejas e líderes que se recusam a ouvir suas perguntas e que apostam no sentimentalismo religioso. Grandes igrejas e denominações têm visto seus jovens emigrarem não apenas para o secularismo, mas também para conferências e movimentos teológicos com grande ênfase na aquisição de uma cosmovisão cristã, de um sentido de vocação mais integral, e até mesmo de um sistema teológico mais estruturado, como se vê entre os assim chamados “Novos Calvinistas”. Tudo indica que essas tendências devem se agravar nos próximos anos.

Alguns líderes jovens, capazes de arrebatar multidões, são céticos sobre isso. Mas os mais velhos sabem que uma massa de jovens entusiasmados pode se dissolver rapidamente no mundanismo sem discipulado e sem formação cristã. E dado o intenso desafio secularista à fé, é preciso desenvolver um discipulado mais qualificado. Um discipulado para a Era da Ciência, da Tecnologia e do Sentimentalismo Moral.

Se pudesse enviar uma mensagem a todos os pastores e líderes cristãos brasileiros, aos acadêmicos cristãos e aos jovens envolvidos em ministérios universitários, eu diria a eles que precisamos, nesse tempo, desenvolver uma Pastoral Científica. Ou uma “poimênica acadêmica”. E que o centro de uma Pastoral Científica é o reconhecimento e a proclamação de que existe propósito no universo. É a minha esperança que possamos todos – pastores, cientistas, professores universitários e estudantes – tocar juntos nossas cordas, afinados no Evangelho, e fazer ressoar o acorde da verdade na caixa desse violão de Deus, o mundo que ele fez para a sua glória.

II CONFERÊNCIA NACIONAL CRISTÃOS NA CIÊNCIA

Razão e Propósito no Universo: Fé, Ciência e Teleologia

1 a 3 de
novembro
de 2018

Mar Hotel
Convention
Recife - PE

PALESTRANTES INTERNACIONAIS - CURIOSIDADES



Dr. Andrew Briggs

Nascido em Dorchester, Inglaterra, Andrew Briggs já recebeu os prêmios "Holliday Prize", "Buehler Technical Paper Merit Award for Excellence", "Metrology for World Class Manufacturing Award" e "Honorary Fellow of the Royal Microscopical Society". Ele publicou mais de 575 artigos e 7 livros. Integra o Conselho Editorial de Science & Christian Belief e o Conselho Assessor Internacional John Templeton Foundation.



Dr. Michael Murray

Tem especialização em Direito dos Animais e Psicologia da Religião. Responsável pelos projetos de grande porte da John Templeton Foundation ligados às Big Questions em filosofia, teologia e sua interseção com as ciências. Michael Murray publicou o conhecido livro Filosofia da Religião: As Grandes Perguntas (com Eleonore Stump, Blackwell, 1999). Além disso, escreveu numerosos artigos na história da filosofia e da filosofia da religião.



Dr. Tremper Longman

Tremper é um estudioso referência no Antigo Testamento. Já participou em mais de 30 livros como autor e co-autor, incluindo Como Ler Gênesis, Como Ler os Salmos, Como Ler Provérbios. Seus livros foram traduzidos em 17 idiomas diferentes. Ele integrou o comitê central que produziu e agora monitora a Nova Tradução Viva da Bíblia. Serviu como consultor em outras traduções populares, incluindo a Mensagem e a Versão do Novo Século.



Dra. Jennifer J. Wiseman

Se interessa por música, literatura, e especialmente, matemática. Participou do documentário "Teste da Fé", um projeto do Instituto Faraday de Ciência e Religião. Acredita que a igreja deveria ser um lugar de discussões envolvendo a ciência. Jennifer e o astrônomo Brian A. Skiff descobriram o cometa 114P / Wiseman-Skiff em 1986. Ele é um cometa periódico e quando foi numerado (1993) levou os sobrenomes dos astrônomos que o encontraram.

INSCRIÇÕES ABERTAS

Confira os preços promocionais em nosso site.

Associados têm



de desconto em
nossos eventos

PALESTRANTES INTERNACIONAIS - BIOGRAFIA OFICIAL

Dr. Andrew Briggs

É professor de nanomateriais na Universidade de Oxford. Coordenou vários projetos interdisciplinares, com grande patrocínio industrial de empresas como a BNFL, Toppan, Hitachi, e Hewlett-Packard. Tem mais de 540 publicações, a maioria em revistas indexadas internacionalmente, com mais de 7.000 citações. É professor do Colégio de St Anne, membro emérito da Wolfson College, membro honorário da Royal Microscopical Society e membro do Instituto de Física. Ele tem uma licenciatura em Teologia pela Universidade de Cambridge. Ele atua no Conselho de Administração da Ian Ramsey Centre. Ele é um membro do Conselho Internacional de Consultores da Fundação John Templeton, e é responsável por propostas da Templeton World Charity Foundation.

Dr. Michael Murray

É vice-presidente executivo de programas da Fundação John Templeton. Ele é responsável por estabelecer iniciativas de financiamento para os esforços de pesquisa da fundação, incluindo o estudo de questões como a natureza do amor, gratidão e perdão e a compatibilidade da ciência e da fé. Murray ocupou anteriormente a Professora de Arthur e Katherine Shadek nas Humanidades e Filosofia do Franklin e Marshall College em Lancaster, Penn, e realizou bolsas do Oriel College, Oxford, do Instituto de Pesquisa em Ciências Humanas, Fundação Nacional para as Humanidades, American Philosophical Society, e Notre Dame Center for Philosophy and Religion.

Dr. Tremper Longman

Dr. Tremper Longman III (BA Ohio Wesleyan University, Mr.Div. Westminster Theological Seminary, M.Phil e Ph.D. Yale University) é o erudito de estudos bíblicos no Westmont College. Ele escreveu mais de 30 livros, incluindo comentários sobre Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Canção de Canções, Jeremias, Lamentações, Daniel e Nahum. Além disso, como estudioso hebraico, ele é um dos principais tradutores da popular Nova Tradução Viva da Bíblia e serviu como consultor em outras traduções populares da Bíblia, incluindo a Mensagem, a Versão do Novo Século, a Holman Standard Bible, e a Bíblia comum. Ele também editou e contribuiu para uma série de Bíblias de Estudo e Dicionários de Bíblia, mais recentemente o Baker Illustrated Bible Dictionary (2013). Na área da ciência e da fé, ele publicou (com o físico Richard F. Carlson) Ciência, Criação e Bíblia: Reconciliando as Teorias Rival das Origens e contribuiu para a leitura Gênesis 1-2: uma conversa evangélica. Ele também atua como mentor na iniciativa "Ciência para seminários" da AAAS.

Dra. Jennifer J. Wiseman

É astrônoma, autora e palestrante. Ela estuda o processo de formação de estrelas e planetas em nossa galáxia usando telescópios de rádio, ópticos e infravermelhos. Ela recebeu seu Bacharelado em física pelo MIT, descobrindo o cometa Wiseman-Skiff em 1987 e conquistando um Ph.D. em astronomia pela Universidade de Harvard. Ela atualmente atua como astrofísica sênior no Goddard Space Flight Center. A Dra. Wiseman também está empenhada com políticas científicas e ciências públicas. Ela é diretora da (DoSER) Diálogo sobre Ciência, Ética e Religião da Associação Americana para o Avanço da Ciência (AAAS) e é membro da American Scientific Affiliation, que é uma rede de Cristãos na Ciência. Ela freqüentemente dá palestras públicas sobre os fascínios da astronomia e as descobertas científicas.

PALESTRANTES NACIONAIS - CURIOSIDADES



Sérgio Queiroz

Já escreveu 2 livros: "Igrejas que transformam o Brasil: Sinais de um movimento revolucionário" e "Gloriosas ruínas: O caminho bíblico para a restauração". A igreja Cidade Viva, liderada pelo Pr Sérgio, desenvolve um trabalho fundamental na região através da Fundação Cidade Viva. Ações nas áreas de Educação, esporte e cultura, Saúde, Apoio à Família, Valores Cristãos, Meio Ambiente, Ética, Direito e Cidadania, entre outras são desenvolvidas.



Guilherme de Carvalho

Em 2015, Guilherme foi citado na lista dos 10 pastores mais influentes do Brasil pelo site Voltemos ao Evangelho. É um dos teólogos precursores nas iniciativas acerca do diálogo entre fé cristã e ciência no Brasil. Ele viaja o Brasil palestrando sobre diversos temas como teologia natural, teologia kuyper, identidade, sexualidade, entre outros temas. Seu chamado é o ensino sobre a unidade de Criação e Evangelho, e o escopo universal do Senhorio de Cristo.



Roberto Covolan

Trabalhou na criação do curso de bacharelado em Física Médica, na Unicamp. Juntamente com pesquisadores do Laboratório de Neuroimagem (LNI), da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, lançou a proposta que resultou no Programa ClnAPCe, aprovado pela FAPESP. Criou um novo grupo de pesquisa no Instituto de Física Gleb Wataghin, o Grupo de Neurofísica. Tem ministrado em igrejas pelo Brasil sobre o diálogo entre fé cristã e ciência.



Gustavo Assi

É membro da Comissão de Relações Internacionais da Escola Politécnica da USP desde 2010. Temas preferidos: fluidelasticidade, interação fluido-estrutura, vibração induzida por fluxo, hidrodinâmica experimental, dinâmica de fluidos computacional, filosofia da tecnologia e a interação entre ciência e fé cristã. Escreveu para a revista Science & Belief sobre como sua fé é relevante para o seu trabalho, e como ele tenta trazer conversas científicas para a igreja.

PALESTRANTES NACIONAIS - BIOGRAFIA OFICIAL

Sérgio Queiroz

É graduado em engenharia civil e de segurança, direito e liderança avançada; é mestre em filosofia e teologia; e doutorando em ministério pastoral. Idealizou o Projeto Cidade Viva (cidadeviva.org). É pastor da Primeira Igreja Batista do Bessamar (João Pessoa, PB), presidente da Fundação Cidade Viva e professor do Instituto Haggai. Está continuamente engajado em projetos voltados à restauração integral das pessoas e da sociedade. É casado com Samara e pai de Sérgio Augusto, Esther e Débora.

Guilherme de Carvalho

É mineiro de Belo Horizonte. É teólogo evangélico e pastor, diretor de L'Abri Fellowship Brasil e membro da equipe pastoral da Igreja Esperança. Suas especialidades são a teologia filosófica e a filosofia da religião, especificamente em suas aplicações para a teologia espiritual e a apologética cultural.

Roberto Covolan

É físico, professor colaborador da Unicamp e vice-diretor do Instituto Brasileiro de Neurociências e Neurotecnologia – BRAINN. É o atual presidente da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC²). Frequenta a Igreja Batista Fonte, de Campinas (SP), onde tem ministrado cursos sobre a relação entre Fé Cristã e Ciência Contemporânea.

Gustavo Assi

Professor Doutor do Departamento de Engenharia Naval e Oceânica da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EPUSP). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2013. Coordenador do Laboratório de Hidrodinâmica Experimental e Anemometria a Laser do NDF Núcleo de Dinâmica e Fluidos da EPUSP. Coordenador do Curso de Graduação em Engenharia Naval da EPUSP desde 2014. Atuação em Engenharia Mecânica, Naval e Aeronáutica na área de Energia e Fluidos. Ênfase em: Dinâmica dos Fluidos Experimental, Fuido-elasticidade, Interação Fluido-Estrutura, Vibração Induzida pelo Escoamento, Resistência Hidrodinâmica, Dinâmica de Sistemas Oceânicos, Geração de Energia do Oceano e Aerodinâmica.

Oportunidade única. O evento oferecerá um ambiente de palestras e mesas de discussão e proporcionará um compartilhamento do conhecimento e vivência de cada pessoa presente. Assim como uma reflexão acerca do diálogo entre fé e ciência, a fim de desmistificar o conflito que alguns acreditam existir entre as duas áreas. Não fique de fora!

PROGRAMAÇÃO*

QUINTA-FEIRA (01/11)

- 09:00 Abertura
- 09:20 Guilherme de Carvalho
- 10:05 Tremper Longman
- 11:05 Break
- 11:30 Pergunta e resposta
- 12:15 Encerramento manhã
- 12:20 Almoço
- 14:00 Reabertura
- 14:10 TED: Gustavo Assi
- 14:30 Jennifer Wiseman
- 15:30 Break
- 15:50 Sérgio Queiroz
- 16:35 Michael Murray
- 17:35 Break
- 18:05 Mesa redonda
- 19:35 Marcelo Cabral: Dinâmica dos grupos
- 20:35 Encerramento do dia
- 20:40 Encerramento

SEXTA-FEIRA (02/11)

- 09:00 Abertura
- 09:15 Roberto Covolan
- 10:00 Jennifer Wiseman
- 11:00 Break
- 11:25 Pergunta e resposta
- 12:10 Encerramento da manhã
- 12:15 Almoço
- 13:55 Reabertura
- 14:05 TED: Gustavo Assi
- 14:25 Andrew Briggs
- 15:25 Break
- 15:45 Sérgio Queiroz
- 16:30 Tremper Longman
- 17:30 Break
- 18:00 Mesa redonda
- 19:30 Encerramento do dia: Gustavo
- 19:35 Break
- 19:50 Assembleia Associados ABC²

SÁBADO (03/11)

- 09:00 Abertura
- 09:15 TED: Tecnologia
- 09:35 TED: Tecnologia
- 09:55 TED: Tecnologia
- 10:55 Michael Murray
- 11:20 Break
- 12:05 Pergunta e resposta
- 12:10 Encerramento da manhã
- 13:50 Almoço
- 14:00 Reabertura
- 14:20 TED: Gustavo Assi
- 15:05 Andrew Briggs
- 15:35 Roberto Covolan
- 15:55 Break
- 16:55 Mesa redonda e dinâmica final
- 17:25 Guilherme de Carvalho: Devocional
- 17:40 Encerramento da CN2

*Programa sujeita a alteração.

Para mais informações:
cristaosnaciencia.org.br/cn2/
(31) 3019-7884



Associação Brasileira
Cristãos
na **Ciência**

RECIFE

Conhecida como a “Veneza brasileira” por seus cenários belíssimos, repleta de áreas verdes, construções históricas e praias lindas, além da cultura bem marcante.



ONDE FICA (para quem não conhece!)

Recife é um município brasileiro, capital do estado de Pernambuco, localizado na Região Nordeste do país. Possui o quarto aglomerado urbano mais populoso do Brasil, com 4 milhões de habitantes em 2017.

ECONOMIA (para quem se interessa por números!)

O município foi eleito por pesquisa da MasterCard Worldwide como uma das 65 cidades com economia mais desenvolvida dos mercados emergentes no mundo: apenas cinco cidades brasileiras entraram na lista, tendo o Recife recebido a quarta posição, após São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, e à frente de Curitiba.

ORIGEM DO NOME (para os curiosos de plantão!)

Mais antiga entre as capitais estaduais brasileiras, o Recife surgiu como "Ribeira de Mar dos Arrecifes dos Navios" no ano de 1537, na principal área portuária da Capitania de Pernambuco, a mais rica capitania do Brasil Colônia. É conhecida em todo o mundo comercial da época graças à cultura da cana-de-açúcar e ao pau-brasil (ou pau-de-pernambuco). Dentre as suas muitas alcunhas atribuídas, "Veneza Brasileira" é a mais conhecida.

CLIMA (para quem curte uma linda praia!)

O Recife tem um clima tropical úmido, típico do litoral leste nordestino, com temperaturas médias mensais sempre superiores a 18 °C, elevada umidade relativa do ar, baixas amplitudes térmicas e precipitações abundantes ao longo do ano. Tendo em conta o grande número de arranha-céus no Recife, a formação de ilhas de calor é comum, o que contribui para uma diferença de temperatura entre diferentes regiões da cidade.



O **Mar Hotel Conventions** está localizado próximo a um dos mais importantes e movimentados pontos turísticos de Pernambuco: a 300 m da Praia de Boa Viagem. A 3 km do Aeroporto Internacional dos Guararapes e a 15 minutos do centro da cidade.

R. Barão de Souza Leão, 451 - Boa Viagem, Recife

Fé, Ciência e Teleologia:

Sobre o tema da nossa conferência

por Roberto Covolan

O tema da nossa II Conferência Nacional Cristãos na Ciência, *Razão e Propósito no Universo: Fé, Ciência e Teleologia*, pode soar estranho para alguns, portanto demanda alguma explicação. Qual a *razão* para se escolher tal tema? Qual o nosso *propósito* com isso?

Para começo de conversa, uma combinação adequada de *razão* e *propósito* é o que se espera de ações e intenções humanas quando se considera levá-las a sério. Em tempos corridos como os de hoje, pouca gente aprecia perder tempo com ideias irracionais ou ações despropositadas. As coisas precisam fazer sentido. As pessoas fazem questão disso. Prova disso é que um conhecido autor cristão, Rick Warren, fez grande sucesso com seu livro “Uma Vida com Propósitos”, que vendeu mais 40 milhões de exemplares só na versão em inglês. Note-se de passagem que os *propósitos* a que se refere Warren estão alçados aos mais elevados níveis. Isso só faz reforçar a necessidade fundamental que temos de um *sentido maior* para nossas existências. Mas, a questão é que o nosso tema fala em razão e propósito no *universo*. Por que este assunto precisa ser tratado?

Note que, ao introduzir as expressões *razão* e *propósito* no início do parágrafo anterior, eu as associei a um agente humano. Claro, pois razão e propósito demandam a existência de um sujeito. Ou não? Sim, pois razão e propósito não existem no vácuo. Ou existem? Claro que não! Razão requer a existência de um sujeito pensante e propósito demanda um agente, alguém dotado de intencionalidade. Mas, sendo assim, faz sentido então cogitar de *razão* e *propósito no universo*?

Peço desculpas ao leitor ou leitora por essas circunvoluções iniciais, mas o ponto é que, embora não pareça à primeira vista, esta questão é central para o diálogo entre fé e ciência. Aliás, o teólogo John Haught afirma textualmente isso: “De todas as questões em ciência e religião, ..., creio que a mais fundamental é se o universo tem um propósito.” [1] Embora, como cristãos, tenhamos um punhado de respostas prontas para questões dessa natureza, este é um assunto sobre o qual não convém nos apressarmos. Sobretudo, se estamos realmente interessados em estabelecer bases sólidas para um autêntico diálogo entre fé e ciência.

Apenas para situar historicamente duas fontes clássicas para esta discussão, originárias da mesma Inglaterra, vamos lembrar o filósofo cristão William Paley e o naturalista (cristão inicialmente, mais tarde agnóstico) Charles Darwin. Paley, através de sua obra “Teologia Natural” (1802), foi um dos

principais proponentes modernos do chamado argumento teleológico [2] para a existência de Deus. É bem conhecida a analogia do relojoeiro que ele usa como argumento teleológico de que o design e a engenhosidade encontrados em um relógio são evidência de que alguém, um designer inteligente, o concebeu e construiu com o propósito para o qual se destina, portanto, não tem como ser obra do acaso. Dado que na natureza encontramos estruturas e organismos bem mais complexos do que relógios ou quaisquer outras máquinas, para Paley, podemos inferir que a ordem natural nos oferece evidência suficiente para existência de um agente inteligente, o próprio Criador. Desde então, esta linha de raciocínio cresceu em número de adeptos e expressão, e continua ativa até os dias de hoje.

“De todas as questões em ciência e religião, ..., creio que a mais fundamental é se o universo tem um propósito.”

John Haught

Não obstante seja frequentemente associado à obra de Paley, o argumento do relojoeiro já era conhecido antes de seu tempo. Na verdade, esta linha argumentativa já havia recebido uma boa dose de criticismo, notadamente do filósofo escocês David Hume (1711-1776). Mas, foi com a teoria da evolução, de Charles Darwin, que ela recebeu seu principal ataque. Darwin, apresentou a ideia de que, em princípio, nenhum organismo precisaria ter sido planejado para vir à luz através de criação especial, mas poderia ser o resultado de um longo processo evolutivo, impelido por mutações acidentais, reprodução seletiva, competição por recursos adequados à sobrevivência e adaptabilidade.

A partir de Darwin, desenvolveu-se e tornou-se dominante no meio científico uma concepção metafísica segundo a qual o universo não tem propósito ou finalidade, os processos naturais são governados por leis cegas e a existência de organismos vivos é, em grande medida, determinada pelo acaso. Já em nosso tempo, alguns cientistas célebres fizeram ques-

tão de reafirmar este tipo de visão de forma bem explícita. O bioquímico francês Jacques Monod, por exemplo, gostava de afirmar que “tudo o que existe no universo é produto do acaso e da necessidade”. Steven Weinberg, prêmio Nobel de Física americano, conclui seu livro “The first three minutes”, sobre a origem dos cosmos, com a afirmação: “Quanto mais o universo parece compreensível, mais também ele parece sem sentido.”

Embora seja prevalente em grande parte do mundo científico, esta visão, que tenta excluir do universo qualquer traço de desígnio ou teleologia, tem sido desafiada recentemente por alguns autores contemporâneos de considerável respeitabilidade no meio acadêmico.

Em *Mind and Cosmos* (2012), o filósofo americano Thomas Nagel coloca em questão o paradigma atual que fundamenta a biologia defendendo a ideia de que “a concepção materialista neodarwinista de natureza é quase certamente falsa.” Para isso, ele advoga a ideia de que, ao lado das leis físicas, o universo seria governado também por leis teleológicas naturais, que guiariam a auto-organização da matéria, direcionando e acelerando o processo evolutivo. Ao propor esta espécie de “heresia científica” (sua proposta foi considerada assim por alguns), seu objetivo final não é apenas dar conta da evolução, mas resolver outros enigmas que escapam ao esquema neodarwinista: “A teleologia que quero considerar seria uma explicação não apenas do surgimento de organismos físicos, mas também do desenvolvimento da consciência e, em última instância, de razão nesses organismos.” [3]

Embora tenha proposto a existência de leis teleológicas, Nagel deixou o problema no ar, não chegando a formular minimamente que tipo de caráter tais leis possuiriam.

Uma obra contemporânea, com motivações semelhantes às de Nagel, mas muito mais específica quanto a este último ponto é o livro *Incomplete Nature*, do neuroantropólogo americano Terrence Deacon [4]. Da mesma forma que Nagel, Deacon questiona a completeza do paradigma neodarwinista (sem, contudo, dispensá-lo) e percorre um detalhado itinerário teórico (de mais de 600 páginas) para descrever “como a mente emerge da matéria”. Deacon também trabalha com a centralidade de vetores teleológicos (expressão minha) guiando os processos naturais, que são descritos minuciosamente.

A teleologia que quero considerar seria uma explicação não apenas do surgimento de organismos físicos, mas também do desenvolvimento da consciência e, em última instância, de razão nesses organismos.

Thomas Nagel

Evidentemente, uma obra de tal extensão não pode ser resumida em poucas palavras. Mas, é importante observar

aqui que ambos, Nagel e Deacon, trabalham no sentido de desenvolver o conceito de *teleologia natural*, algo aliás que um crescente número de autores tem advogado. Por que devemos prestar atenção a isso?

A mim me parece estar-se desenvolvendo, em certos círculos, uma atitude intelectual mais do que aberta, voltada mesmo para aceitar a existência de propósito no universo e trazer esta discussão do plano filosófico para o campo científico. Esta visão, contudo, se manifesta desde já como imbuída de um caráter inteiramente naturalista. Ambos os autores que acabei de citar são muito explícitos em descartar qualquer dimensão transcendente associada à existência ou à natureza das tais leis teleológicas.

Parece estar-se desenhando, portanto, um novo *front* intelectual em que aquele que era um clássico argumento teísta acaba sendo redefinido como um argumento inteiramente naturalista. Isto, contudo, não nos deveria intimidar. Ao contrário, penso que são extremamente estimulantes os contornos que essas reflexões estão tomando. À parte a cosmovisão naturalista embutida nessas análises, creio que elas acabam por dar razão a um prognóstico formulado anos atrás pelo cientista cristão Charles Townes, ganhador do Nobel de Física de 1964, e que pode ser resumido nos seguintes termos [5]:

A ciência tenta entender como é o nosso universo e como funciona, incluindo nós humanos. A religião visa compreender o propósito e o significado do nosso universo, incluindo a nossa própria vida. Se o universo tem um propósito ou significado, isso deve se refletir em sua estrutura e funcionamento e, portanto, na ciência.

Creio que este pensamento de Townes reflete bem o tema da nossa conferência e o que tenho chamado de Princípio Teotrópico, ou a ideia de que há direcionalidade nos processos naturais e de que estes convergem para o Senhor, em consonância com Colossenses 1.16: “... todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele.”

REFERÊNCIAS

[1] John Haught: Science, God and Cosmic Purpose em *The Cambridge Companion to Science and Religion*, Cap. 13 (Cambridge University Press, 2010).

[2] Teleologia - do grego telos (fim, finalidade) e logia (estudo) - é o estudo filosófico dos fins (propósito, objetivo ou finalidade). No presente texto, teleologia refere-se ao estudo das finalidades do universo.

[3] Thomas Nagel: *Mind and Cosmos* (Oxford University Press, 2012).

[4] Terrence Deacon: *Incomplete Nature* (W. W. Norton & Company, 2011).

[5] Charles Townes: *The Convergence of Science and Religion* (Perspectives on Science and Christian Faith 55 (3) 2003).

Série de Livros Ciência e Fé Cristã

Editora Ultimato



LANÇAMENTO

O livro Filosofia da Tecnologia foi escrito por especialistas com experiência prática em desenvolvimento tecnológico e é uma das melhores introduções ao campo da filosofia da tecnologia disponíveis no mercado.

A obra facilita o entendimento da área para aqueles que atuam diretamente com projeto, produção, gestão ou integração de tecnologias, mas também para qualquer leitor interessado em tecnologia e não familiarizado com filosofia. Trata-se de uma leitura essencial tanto para estudantes como para profissionais que querem pensar criticamente sobre os processos, o consumo e as consequências do uso da tecnologia.



FILOSOFIA DA TECNOLOGIA

Uma Introdução



Maarten J. Verkerk
Jan Hoogland
Jan van der Stoep
Marc J. de Vries

2018

Filosofia da Tecnologia – Uma Introdução

ESTE LIVRO é uma das melhores introduções ao campo da filosofia da tecnologia (FdT) disponíveis. Prefaciado por um dos principais sistematizadores da área (Carl Mitcham) e endossado por um expoente da FdT contemporânea (Peter Kroes), a obra traz consigo credenciais que recomendam a sua leitura.

Além disso, este é um dos poucos livros de filosofia da tecnologia escritos por pessoas com efetiva experiência prática em desenvolvimento tecnológico. Essa característica dos autores torna o texto próximo da realidade empírica vivenciada pelos profissionais da área e se constitui, assim, em um importante diferencial para aqueles que atuam diretamente com projeto, produção, gestão ou integração de tecnologias.

Dividido em três partes, o livro-texto aborda desde os principais temas da tradição clássica da filosofia da tecnologia até os recentes avanços representados pela virada empírico-analítica observada nesse campo do conhecimento. Na Parte 1, após uma breve introdução às funções da filosofia e ao seu histórico de aplicação à tecnologia, os autores localizam o fenômeno tecnológico no contexto da busca por significado vivenciada por qualquer ser humano em seu cotidiano. Assim, Verkerk e seus colegas tratam o tema a partir de uma perspectiva abrangente, evitando, de antemão, concepções reducionistas das problemáticas em questão.

Em seguida, na Parte 2, central na estrutura do livro, os autores apresentam o que há de melhor na escola holandesa de FdT para analisar a tecnologia em suas diversas dimensões. Ao fazerem isso, dialogam frutiferamente com outras tradições que têm procurado abordar as questões tecnológicas a partir de um olhar analítico, centrado na definição rigorosa de conceitos e no relacionamento lógico entre eles. Nesse sentido, essa seção concentra-se no desenvolvimento de uma visão da tecnologia como uma coleção de artefatos (ontologia), um corpo de conhecimentos diferenciados (epistemologia) e um conjunto de processos (metodologia).

Por fim, na Parte 3, tópicos recentes e interessantes da discussão sobre a relação entre tecnologia e sociedade são revisados. Para tanto, a importante noção de prática social é inicialmente introduzida, a fim de que, no seu contexto, as críticas aos efeitos da tecnologia na condição humana e na cultura sejam compreendidas. Além disso, também é realizado um debate ético acerca dos direcionamentos que deveriam ser dados ao desenvolvimento das tecnologias emergentes no contexto global. Por fim, a natureza da relação estabelecida pelo Ocidente com o poderio tecnológico é discutida à luz das expectativas de futuro dessa civilização.

Todas as partes do livro-texto são permeadas por exemplos, estudos de caso, recomendações de leituras e biografias sucintas dos principais autores do campo da FdT. Dessa forma, esta obra facilita o entendimento da área em toda a sua riqueza, por qualquer leitor interessado em tecnologia – mesmo aquele não familiarizado com filosofia.

Nesse sentido, pensamos, ao traduzir esse trabalho, em fornecer um diferenciado recurso para o enriquecimento da reflexão sobre o fenômeno tecnológico no Brasil, contribuindo para inserir estudantes e professores nacionais nesse vibrante debate internacional. Nosso desejo é que esta obra adentre as salas de aula das universidades, bem como se torne um livro de referência na estante de muitos engenheiros, arquitetos, administradores, economistas, sociólogos e filósofos que queiram colaborar, globalmente, para fomentar uma contribuição positiva da tecnologia na sociedade contemporânea. Ajude-nos a divulgá-lo e a promovê-lo nessa direção!

Boa leitura!

Jonathan Simões Freitas

Raoni Barros Bagno

Gustavo Roque da Silva Assi

Leopoldo Motta Teixeira

Tecnologia: o fim da teleologia?

por Fernando Pasquini

A atividade cultural do homem sempre esteve prevista e foi ordenada na criação (Gênesis 1.27). Assim, a pergunta acerca da razão e propósito no Universo também deveria abarcar a razão e propósito de nossa ação na cultura.

Nos últimos séculos, diversos autores alegaram que, em nossa civilização atual, é inexistente, ou quase inexistente, a razão e o propósito na atividade humana. Alexis de Tocqueville foi um dos primeiros a notar que a vida moderna envolvia uma agitação e dinamismo sem fim em direção a nada [1]. Jacques Ellul prosseguiu com a ideia, notando que “nós esquecemos nossos propósitos comuns, nós temos enormes meios à nossa disposição, e colocamos em operação máquinas prodigiosas para chegar a lugar nenhum.” [2] Para ele, “nossa civilização é, em primeiro lugar, uma civilização de meios; na realidade da vida moderna, os meios, ao que parece, são mais importantes do que os fins.” [3]

Teria a teleologia entrado em colapso por meio da tecnologia?

A pergunta, portanto, é: teria a teleologia entrado em colapso por meio da tecnologia? Talvez esta seja uma pergunta a qual não devemos responder com um ‘sim’ ou ‘não’ absolutos. Como boa parte da obra de Ellul, ela é mais uma voz profética do que uma constatação. A tendência está aí. Cabe-nos prosseguir ignorando-a ou nos arrepender. E a despeito de sua reputação como pessimista ou anti-tecnologia, Ellul cria numa saída, como veremos. Mas antes de procurarmos por ela, precisamos ter a visão clara da situação e desfazermos das falsas soluções.

Por que chegamos aqui? O filósofo Charles Taylor sugere que vivemos em tempos de “liberalismo da neutralidade”. Um de seus princípios básicos é de que uma sociedade liberal pre-

cisa ser neutra a respeito de questões sobre o que constitui uma vida boa. A vida boa é o que cada indivíduo busca, à sua própria maneira, e o governo precisaria de imparcialidade, bem como no que diz respeito a todos os cidadãos, caso tomasse partido nessa questão [4]. Ou seja, a sociedade liberal não pode impor a qualquer indivíduo como ele deve buscar os seus próprios fins, e providenciá para ele apenas os meios.

O importante aqui é que tanto Taylor como o filósofo da tecnologia, Albert Borgmann, notam que tudo isso depende grandemente da tecnologia. Para garantir neutralidade, a sociedade moderna precisa promover infra-estruturas tecnológicas que permitam um (suposto) acesso maior e universal a vários tipos de comodidades.

No entanto, nós sabemos que, no fundo, estas infra-estruturas e comodidades não são tão neutras quanto parecem, e isto parece consistir um problema fundamental e insolúvel dentro liberalismo. Borgmann ressalta:

“A teoria da democracia liberal tanto precisa como teme a tecnologia moderna. Ela precisa da tecnologia porque esta última promete fornecer as oportunidades neutras necessárias para estabelecer uma sociedade justa e deixar em aberto a questão da vida boa. Ela teme a tecnologia porque esta pode, de fato, entregar mais do que prometeu, ou seja, uma versão definida de uma boa sociedade e, mais importante ainda, uma que seja ‘boa’ em um sentido dúbio.” [5]

Langdon Winner captura muito bem esta não-neutralidade tecnológica ao notar que a tecnologia promove um tipo de “adaptação reversa”, ou seja, o homem acaba ajustando seus fins de forma a se adaptar aos meios disponíveis [6]. De repente, ter o mundo nas mãos significa assinar o último plano de banda larga. Os fins humanos ficam presos a determinadas soluções e sistemas tecnológicos que passam a integrar toda a sociedade. Ninguém consegue trabalhar sem um smartphone com Whatsapp.

No entanto, na falta de uma direção normativa clara, ou um horizonte de sentido (como coloca Taylor) para o desenvolvimento tecnológico, acaba culminando numa visão de liberdade na qual qualquer coisa pode ser produzida - a ética implicitamente pregada nos cursos de engenharia e tecnologia em

geral: “perceba um problema qualquer, projete um dispositivo qualquer, coloque-o à venda para uma pessoa qualquer. Prolifere os meios. Os fins são genéricos. Você pode, então você deve.”

Mas, então, como recuperar este horizonte de sentido? Será que deixar de buscar neutralidade implicaria aquilo que tanto tememos: Estados e empresas explicitamente dizendo-me quais são os meus fins? Como disse, há uma saída, e ela envolve, entre outras coisas, penetrar nas fontes morais do ideal de neutralidade e observar a partir de que ponto ele deixou de funcionar. Charles Taylor mostra que o horizonte de sentido só pode ser definido dialogicamente entre indivíduos e, por que não, juntamente com as próprias circunstâncias da vida [7]. Isso significa que o indivíduo tem voz, mas não tem voz absoluta, o que nos livra dos extremos do coletivismo e do individualismo. Finalidades são reconhecidas e preservadas em comunidades de diálogo, e contextualizadas em um engajamento com a realidade.

Isso significa o indivíduo tem voz, mas não tem voz absoluta, o que nos livra dos extremos do coletivismo e do individualismo.

Albert Borgmann nota como paradigma tecnológico atual é dominado por dispositivos que têm como objetivo fornecer comodidades descontextualizadas e desengajadas, e que, por isso mesmo, criam ambiguidades na vida individual e social. Na tentativa de se obter disponibilidade universal por meio dos dispositivos, acabamos por ignorar aquilo que o autor chama de *coisas e práticas focais*, capazes de nos orientar no tempo e no espaço. Mas é no “mundo real” das contingências naturais e sociais que encontramos a operação da graça de Deus e sua providência, acima de nossos desejos e aspirações, que sempre nos surpreende mostrando-nos meios e fins muito além do que cremos ser o melhor para nós.

Isso nos leva a uma constatação importantíssima: *nas coisas e práticas focais, meios e fins andam juntos*. Uma lareira não é simplesmente um “meio” para o calor, mas, como diriam os filósofos da arte, um “fim em si mesmo”. E é aqui que Jacques Ellul nota que isso se trata de um ponto *teológico* e, mais especificamente, *escatológico*: “Nosso ponto de partida é que, na obra de Deus, os fins e os meios estão juntos. [...] Jesus Cristo, em sua encarnação, aparece como o meio de Deus para a salvação dos seres humanos e para o estabelecimento do reino de Deus. Mas onde Jesus Cristo está, ali está também a salvação e o reino. [...] O fim, seu reino, que virá no fim dos tempos, já está aqui hoje, quando o meio de Deus (o único mediador!) está presente!” [8]

Em outras palavras, a solução encontra-se na tensão entre o já e o ainda não da escatologia cristã. É como se dispositivos

fossem simplesmente alegóricos (no sentido de que a matéria em si não importa, apenas sua instrumentalidade) e coisas e práticas focais, tipológicos ou, talvez, sacramentais. E, uma vez que tudo ganha um horizonte sacramental, um universo inteiro de coisas que desprezaríamos como meios ineficientes passa a ganhar um valor à luz da eternidade.

Isso também implica que “o que importa não são nossos instrumentos e instituições, mas *nós mesmos*, porque somos nós mesmos os instrumentos de Deus. Nós, como igreja, precisamos representar diante do mundo esta unidade de fim e meio, da qual Jesus Cristo é a garantia. Pois *os seres humanos não são aqueles que estabelecem o fim como tal ou que o realizam. É Deus quem o determina e o realiza.*” [9, ênfase minha]

Em Deus, na pessoa de Cristo e pela obra do Espírito, entramos em contato com a teleologia que nos falta, o fim que está presente aqui e agora. Isso pode, inclusive, direcionar a tecnologia de forma adequada. “Toda técnica se torna morta quando não é ordenada, situada e julgada pelo reino de Deus que está vindo”. Mas todos os meios à nossa disposição “podem ser restaurados a seu lugar se forem situados na perspectiva deste fim que já está presente nos meios que Deus utiliza. [...] Dessa forma, encontramos o verdadeiro sentido de nossas atividades e sua relação verdadeira com os fins secundários a que elas se propõem.” [10]

Na proliferação infinita de meios, que nos deixa perdidos quanto aos fins, o que cabe à igreja é pregar o único meio e fim, que garantirá todos os outros: “Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e todas as coisas vos serão acrescentadas” (Mateus 6.33).

REFERÊNCIAS

- [1] de Tocqueville, Alexis (2004). *Democracy in America*. Library of America. Livro I, Capítulo XVIII
- [2] Ellul, Jacques (2016). *Presence in the Modern World: A New Translation*. Wipf & Stock Publishers. p. 34
- [3] Ellul, Jacques (1964). *The Technological Society*. New York: Knopf. p. 19
- [4] Taylor, Charles (2010). *A ética da autenticidade. É Realizações*. p. 26
- [5] Borgmann, Albert (1987). *Technology and the Character of Contemporary Life: A Philosophical Inquiry*. University of Chicago Press. Cap. 13.
- [6] Winner, Langdon (1977). *Autonomous Technology: Technics-out-of-Control as a Theme in Political Thought*. The MIT Press. p. 234-36.
- [7] *A ética da autenticidade*, p. 42.
- [8] *Presence in the Modern World*, p. 51
- [9] *Ibid.*, p. 52-53
- [10] *Ibid.*, p. 56-58

A PENÚLTIMA CURIOSIDADE

LANÇAMENTO SÉRIE CIÊNCIA E FÉ CRISTÃ



CIÊNCIA E FÉ CRISTÃ

A PENÚLTIMA CURIOSIDADE

Como a ciência navega nas questões
fundamentais da existência

Roger Wagner
Andrew Briggs



CIÊNCIA E FÉ CRISTÃ

Apesar das aparências, as penúltimas curiosidades sobre o mundo físico continuam a nadar na corrente das últimas questões. Tal corrente, é preciso enfatizar, não é domínio especial das religiões – a afirmação bíblica de que “Deus pôs a eternidade no coração do homem” reconhece uma característica partilhada por toda a humanidade.

Consequentemente, embora o público que se reuniu para ouvir a aula inaugural do novo professor de ciência e religião possa ter tido visões dramaticamente variadas sobre o modo de integrar a prática e descobertas da ciência com as últimas questões da existência humana, todos, não obstante, estavam unidos na busca por fazê-lo.

A declaração de Francis Crick, citada no prólogo deste livro, de que toda sua carreira científica fora moldada pelo desejo de remover os apoios da religião, demonstra como as investigações da ciência física podem nadar na corrente de tipos muito distintos de interesses metafísicos. O que ele disse é, nesse sentido, uma ilustração surpreendente de nossa metáfora fundamental. Crick, que instalou um modelo de DNA sobre a porta da sua casa em Cambridge, sabia muito bem que seu ateísmo belicoso estava longe de ser universalmente aceito – o que era verdade até mesmo no seu antigo laboratório.

Em artigo escrito em 1987 sobre a história do Laboratório Cavendish, o então professor da cátedra Cavendish, sir Brian Pippard, primeiro descreveu como “as grandes portas de carvalho que se abriam no local do edifício original tinham entalhada a inscrição, a pedido de Maxwell, do texto do Salmo 111: Magna opera Domini exquisita in omnes voluntates ejus”. Ele prosseguiu contando como, logo após a mudança para os novos edifícios em 1973, um aluno pesquisador devoto lhe sugeriu que o mesmo texto deveria ser exibido, em inglês, na entrada. Pippard se incumbiu de fazer a proposta ao comitê de políticas, confiante de que eles a vetariam; para sua surpresa, no entanto, eles concordaram entusiasmadamente tanto com a ideia quanto com a escolha da tradução de Coverdale, inscrita em mogno por Will Carter. Diz o seguinte: “Grandes são as obras do Senhor; buscam-nas todos os que nelas se deleitam”.

O “aluno pesquisador devoto” era Andrew Briggs. O amplo sentimento daquela inscrição, conforme demonstram sondagens, continua mais difundido dentro da comunidade científica do que geralmente se reconhece. Ainda que a forma como tais pensamentos são expressos mude à medida que evolui a cultura, a necessidade intrínseca dos seres humanos de tentar entender toda a profundidade da sua experiência de mundo continua constante: arraigada nas capacidades cognitivas que, pelo menos noventa mil anos atrás, deram origem, pela primeira vez, ao Homo religiosus. Segue-se disso que o persistente entrelaçamento entre curiosidade penúltima e última que viemos seguindo ao longo deste livro não pode ser desfeito à vontade: perdurará enquanto durar a humanidade.

Adquira em breve: ultimato.com.br

NOVO APP ABC²

Você ainda mais conectado!



- QUEM SOMOS**
Aqui você conhece toda a equipe que cuida do projeto e nossos associados.
- NOTÍCIAS**
Informações interessantes e atuais sobre a relação fé e ciência.
- AGENDA**
Fique por dentro de nossas atividades e eventos.
- ASSOCIE-SE**
Quer usufruir de vários benefícios exclusivos? Associe-se agora e saiba como.
- MÍDIA**
Confira fotos de nossos eventos e realizações dos grupos de estudos.
- REDES SOCIAIS**
Acompanhe a ABC² também nas redes sociais.
- LOJA VIRTUAL**
Adquira os livros da nossa biblioteca agora. É fácil!
- NOTIFICAÇÕES**
Aqui é nosso canal de comunicação exclusivo do aplicativo.
- FALE CONOSCO**
Tem dúvidas? Quer saber mais sobre nós? Faça contato.

Uma Teleologia do Trabalho Divino e Humano

Criação e Processo Criativo

por Breno Perdigão

O campo de estudo da teleologia tem muito a contribuir para compreendermos a presença de metas, fins ou objetivos últimos no trabalho divino da Criação e, por consequência, no trabalho humano e no desenvolvimento tecnológico advindo do mesmo.

De acordo com o filósofo holandês Herman Dooyeweerd [1] todo pensamento filosófico é dirigido de forma consciente ou inconsciente por aquilo que ele denomina de motivos básicos religiosos que estão inescapavelmente ligados ao seu ponto arquimediano, “sendo as forças motrizes mais profundas por trás de todo o desenvolvimento cultural e espiritual do Ocidente [2]. Este fato se concretiza no pensamento de dois dos mais influentes pensadores do século XVIII, o filósofo e teólogo Jonathan Edwards e Benjamim Franklin, cientista e inventor da América britânica.

Apesar das diferenças entre ambos, eles compartilhavam o ser produto da cultura calvinista da Nova Inglaterra no período em que sua herança cultural enfrentava uma severa crise [3]. Porém há diferenças evidentes em seus sistemas filosóficos. Fundamentado e imerso no que Dooyeweerd denomina de motivo básico da natureza e da liberdade, com seus dois polos dialéticos, Franklin assume que o “homem é autônomo e livre, e que a natureza é completamente determinada” [4]; no campo da ética, os princípios morais deveriam ser determinados apenas por avaliar-se as consequências das ações, articulando o que se tornaria uma das mais proeminentes tradições americanas para se libertar de restrições morais baseadas em religião [5]. De acordo com George Marsden, pode-se encontrar um nítido contraste entre o pensamento distintamente cristão de Edwards e o pensamento moderno preeminente em sua época na definição daquilo que deve ser considerado verdadeiro e bom [6]. Com este intuito, Jonathan Edwards concluiu uma de suas obras filosóficas mais importantes, o tratado *The End for God Created World*, na qual aborda as questões relacionadas a teleologia do mundo criado.

Uma Teleologia do Trabalho Divino

O ponto de partida adotado por Edwards para explicar o fim da obra criativa de Deus não foi a razão autônoma do homem, mas sim que um Deus amoroso está no âmago do universo, sendo este essencialmente pessoal e a expressão criativa de uma pessoa [7]. Com o desenrolar do Iluminismo,

muitos pensadores elaboraram teorias fundamentadas na pressuposição de que o universo é essencialmente impessoal e controlado unicamente por leis da natureza.

Logo no início de sua obra, Edwards toma por necessário fazer uma distinção entre fim principal, fim inferior, fim último e fim subordinado:

Para evitar toda confusão em nossas indagações concernentes ao fim para o qual Deus criou o mundo, deve-se observar uma distinção entre o fim principal e o fim último pelo qual um agente realiza uma obra. Estas duas frases nem sempre têm precisamente a mesma significação e, embora o fim principal seja sempre um fim último, nem sempre o fim último é um fim principal. Um fim principal é contrário a um fim inferior. Um fim último é contrário a um fim subordinado.

Um fim subordinado é aquele que um agente visa, não de todo por causa dele, mas inteiramente por causa de um fim ulterior, do qual aquele é considerado como que um meio [...]. Um fim último é o que o agente procura, naquilo que ele faz, por sua própria causa; aquilo que ele ama, valoriza, ou no que tem prazer por sua própria causa, e não meramente como um meio para um fim ulterior. [8]

Desta forma, toda vez que um homem chega àquilo em que seu desejo termina e repousa, sendo algo que é estimado por sua própria causa, então ele chega a um fim último. Entretanto, se alguém possui um único fim último em tudo o que faz, este fim último pode ser considerado o seu fim supremo. [9]

De acordo com Edwards, Deus não faz nada inadvertidamente, ou sem um desígnio, portanto, o fim último de Deus em sua obra criativa era que houvesse uma gloriosa e abundante comunicação de si mesmo e “emanação de sua infinita plenitude de bondade *ad extra*, ou fora dele mesmo; e que a disposição de se comunicar a si mesmo, ou difundir a sua própria plenitude, foi o que o moveu a criar o mundo.” [10] Ao fazer deste o seu fim, Deus manifesta uma suprema consideração por si mesmo, de forma que ele faz de si mesmo o seu fim.

Com a beleza do amor de Deus se derramando sobre suas criaturas no cerne da realidade, o bem mais elevado passa a ser definido como retornar este amor ao próprio Deus. Se

verdadeiramente amamos a Deus, devemos amar o que Ele ama. Segundo Edwards, o problema das filosofias modernas, e conseqüentemente, da visão teleológica moderna, é que elas começam tipicamente no lugar errado, isto é, com os seres humanos e suas necessidades. Este tipo de visão conduz, muitas vezes, ao pensamento utilitarista.

Uma Teleologia do Trabalho Humano – Utilitarismo e o Propósito Criativo

Na Idade Moderna pode-se verificar a ocorrência de uma mudança drástica nas aclarações teleológicas que afirmavam um fim determinado para a existência de todas as coisas. Passou-se a considerar que a explicação teleológica era antropomórfica, pois o fato do ser humano atribuir objetivos às suas próprias ações (por exemplo, o engenheiro impondo seus objetivos sobre o objeto trabalhado) não justifica conjecturar que o universo em sua totalidade seja submetido a alguma finalidade imposta [11].

A explicação dos fenômenos abandonou uma abordagem teleológica e, em seu lugar, buscou explicar os fenômenos como emergentes. O utilitarismo, decorrente desta visão moderna do significado teleológico do universo, enxerga os problemas das relações humanas a partir da ideia que podemos conhecer o bem e o mal em função de critérios identificáveis pela nossa capacidade racional, sendo a razão autônoma a forma mais confiável de conhecimento; e que os fundamentos da ética e da moral são fundamentados unicamente a partir das conseqüências das ações. [12]

Tendo em vista este cenário preparado pelo modernismo e sua visão teleológica utilitarista, Dorothy L. Sayers questiona acerca da compreensão do propósito criativo do homem como tendo o único objetivo a resolução de problemas e o fornecimento de soluções. A vida se apresenta ao homem não como material maleável, mas como uma série de problemas de extrema dificuldade que devem ser resolvidos com os meios disponíveis. Há uma vasta experiência humana que não permite resposta em termos de solução para um determinado problema. “O homem é tão relutante em admitir qualquer problema para o qual seja incapaz de dar solução, que os alquimistas buscam o elixir da vida desde tempos muito antigos.” [14] Assim, para nos convenceremos da possibilidade de “resolvermos” todas as questões devemos tão somente defini-las em termos que admitem solução. De forma semelhante ao método científico e tecnológico no qual o método isola um aspecto da realidade e as definições são feitas em compartimentos isolados, Willem H. Vanderburg afirma que esta é uma abordagem “dessimbolizada” [15], na qual o sentido das coisas é visto sempre de forma compartimentalizada e isolada, uma coisa não é mais vista em função de seu relacionamento com todas as outras.

Em contraste, segundo Sayers, a característica comum a Deus e ao homem é o desejo e a capacidade de fazer coisas. Nós passamos nossa vida compondo diferentes matérias em novos padrões e “criando”, desta forma, aquilo que não existia até então [13]. Em seu trabalho criativo, o homem deve respeitar a integridade do seu material e trabalhar de acordo com ela.

A vocação da mente criativa do homem não trata simplesmente da solução de problemas, “dentro dos limites impos-

tos pelas condições em que estão colocados, mas da formação de uma síntese que inclua toda a dialética da situação em uma manifestação de poder.” [16] O que torna clara a diferença entre o homem que trabalha para viver e o trabalhador criativo é o desejo do segundo em ver o trabalho realizado.

Conforme Dorothy L. Sayers afirma:

A única maneira de fazer um trabalho bom em si mesmo e, assim, torná-lo bom para a humanidade, é mantendo os olhos voltados para a integridade da obra. Essa é apenas outra forma de dizer que a obra deve ser medida segundo o padrão da eternidade, ou que deve ser realizada em primeiro lugar para Deus. [17]

REFERÊNCIAS

- [1] KALSBECK, L. Contornos da filosofia cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- [2] DOOYEWEERD, H. Raízes da cultura ocidental. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- [3] MARSDEN, George M. A Breve Vida de Jonathan Edwards. São José dos Campos: Fiel, 2015.
- [4] DOOYEWEERD, H. Raízes da cultura ocidental. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- [5] MARSDEN, George M. A Breve Vida de Jonathan Edwards. São José dos Campos: Fiel, 2015.
- [6] Ibid.
- [7] EDWARDS, J. The End for God Created World. Estados Unidos, 1765.
- [10] Ibid.
- [11] VASCONCELOS, V.V. MARTINS JUNIOR, P.P. A Teleologia e o Estudo das Ciências da Natureza – Contribuições da Filosofia. AMBIENTE & EDUCAÇÃO: revista de educação ambiental. Vol. 16(1), 2011
- [12] “Utilitarianism is still the ethical theory which people love to hate”.(Harrison, Ross. “Introduction”. In “A Fragment on government”, Jeremy Bentham, Cambridge, Cambridge University Press, 1994).
- [13] SAYERS, Dorothy L. A Mente do Criador. São Paulo: É Realizações, 2016.
- [14] Ibid.
- [15] VANDERBURG, Willem H. Our War on Ourselves: Rethinking Science, Technology, and Economic Growth. Toronto: University of Toronto Press, 2011.
- [16] SAYERS, Dorothy L. A Mente do Criador. São Paulo: É Realizações, 2016.
- [17] Ibid.

GRUPOS DE ESTUDOS ABC²

Cristãos na ciência pelo Brasil a fora.

A ABC² surgiu como uma resposta a um desafio missionário. “Mas peraí, a ABC² existe para evangelizar?? Pensei que era para discutir ciência!”. Segundo Goheen, a “missão da igreja é participar na missão de Deus de restaurar toda a criação e toda vida humana. Se o escopo da salvação é tão abrangente quanto a criação, nossa participação deve ser igualmente abrangente. Quando a comunidade cristã encarna fielmente o evangelho, um encontro missionário ocorre entre o evangelho a doutrina pública reinante que dá forma à sociedade”. Parte da missão da igreja é promover o encontro missionário do evangelho com cada pressuposto, cada visão, cada símbolo da cultura. Se nossa cultura tem sido moldada e conduzida por uma cultura em que a ciência é uma força dominante, a missão de Deus PRECISA promover um “encontro missionário” com os diversos campos científicos, suas produções intelectuais, e seus postos culturais.

Acreditamos que a forma da ABC² cumprir seu papel missional é atuando através dos grupos que estão espalhados em todo o país. Estamos experimentando uma verdadeira reviravolta de grupos locais de ciência da fé, maior do que poderíamos imaginar. Atualmente, o ABC² possui 35 grupos, em 27 estados diferentes, em apenas três anos de existência. Há também quatro novos grupos em desenvolvimento, e esperamos ter um total de 45 grupos até o final de 2018. Os grupos são variados em número de público, no nível de discussão e de maturidade espiritual. No entanto, essas variedades se encaixam bem no contexto diversificado da academia e do cristianismo brasileiros.

Temos grupos inseridos em universidades já vinculando o tema fé e ciência entre as disciplinas acadêmicas, grupos reconhecidos como disciplinas facultativas. Temos grupos com a participação de professores e também de pastores. A ABC² está alcançando mais pessoas e espaços do que poderíamos sonhar.

O que os veteranos têm a dizer?



David Monteiro de Souza Junior é líder do grupo de estudos locais da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência e do também do Núcleo Base de Cosmovisão Cristão na UFMS.. Licenciado em química pela UFMS. Mestrando em química, com ênfase em síntese de compostos orgânicos, no Instituto de Química da UFMS (INQUI UFMS). Membro da Igreja Batista em Vilas Boas (IBAVIB) e professor da Escola Bíblica Dominical da missão Manancial da Vida, bairro Nova Lima.

Sempre que me perguntam sobre o que me levou a estudar a relação da fé cristã com a ciência ou sobre como há relação entre estas frentes, costumo contar uma breve conversa que tive com um colega ateu, quando era aluno de iniciação científica. Ele me dizia que o estudo da química o levou ao ateísmo enquanto eu discorria o justo oposto, que o estudo da química foi um dos fatores que me levou novamente à fé cristã.

Foi na universidade, em uma aula de química orgânica, que tive um vislumbre da grandiosidade de Deus. A beleza, a complexidade e inteligibilidade da forma e da estrutura das moléculas me levaram a “contemplar a formosura do Senhor” e avivaram o desejo de estar “na casa do Senhor todos os dias da minha vida” (Sl. 27. 4). A partir disso, me perguntei “o que é a ciência afinal? Ela de fato

tem a capacidade de levar a pessoa necessariamente ao ateísmo?”. Desde então, me embrenhei na jornada pela densa floresta da relação da fé cristã com a ciência.

Durante minhas pesquisas encontrei o canal da ABC² no You Tube, em meados de 2015. Este era um momento onde passava por uma crise em meus estudos. A química havia perdido o significado, porém, o contato com a ABC² ressignificou a minha visão sobre a ciência – o que me deu novo fôlego de vida no estudo da química. Assim como eu sofri com a dicotomização entre fé e ciência, pensei que outras pessoas poderiam estar passando pela mesma dificuldade.

Foi aí que interessei pela atividade do grupo de estudo local da ABC². Neste meio tempo, tive a oportunidade de participar do III Curso Faraday-Kuyper, em julho de 2017, onde tive contato direto com as pessoas que estavam a frente deste projeto. Foram quatro dias de grande alegria e profunda gratidão por aquilo que Deus havia me proporcionado. Após o meu retorno, me reuni com um pequeno grupo de estudantes da UFMS, que junto a mim, fazem parte do Núcleo Base de Cosmovisão Cristã na universidade, o NBCC - UFMS. Então decidimos fundar um grupo de estudos local da ABC² e, desde então, estamos desenvolvendo nossas atividades dentro da UFMS, em igrejas locais e junto aos grupos de estudantes cristãos na universidade: EJUC, CRU e CÉU. Em junho realizaremos nossa primeira Jornada de Ciência e Fé Cristã.

Percebemos que nossos esforços em desenvolver um diálogo sério entre ciência e fé cristã, respeitando as respectivas esferas científica e religiosa, têm aberto espaço entre, não só os alunos, mas também entre os professores. Hoje nossas reuniões ocorrem no Instituto de Química da UFMS com a presença de alunos e professores da universidade de diversas áreas do conhecimento e orientação religiosa e não-religiosa. Buscamos auxiliar estudantes cristãos a integrar a fé cristã com o seu chamado no campo científico, assim como, trabalhamos para ajudar pastores, líderes e jovens no meio eclesial a compreenderem que não existe conflito entre a ciência e a fé cristã. Nosso objetivo é ser uma ponte entre a comunidade cristã e a comunidade acadêmica a fim de diminuir aparentes tensões e rugas, para que ao fim Cristo seja glorificado em todas as áreas de nossa vida.

E quem está na caminhada há pouco tempo?



Sorele Fiaux é líder do grupo de Niterói. Ela é doutora em Tecnologia de Processos Químicos e Bioquímicos e Engenheira Química pela Escola de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Exerceu funções técnicas e de pesquisa em empresas públicas e privadas. Realizou pesquisas no Department of Medicinal Chemistry da University of Mississippi, EUA. É professora da Universidade Federal Fluminense desde 1994, onde ministra disciplinas de graduação e pós-graduação, desenvolve pesquisas, presta consultoria e exerce funções administrativas. Orienta alunos de doutorado, mestrado, especialização, iniciação científica e de monitoria. Tem experiência na área de Processos Bioquímicos, com ênfase em Microbiologia Industrial e de Fermentação, atuando principalmente nos seguintes temas: fermentação, biotransformação.

A ideia de criar o grupo na UFF veio na II Semana de Estudos da ABC² pelos estímulos dados pela equipe à formação de novos grupos. Uma outra participante da Semana, a Cecília, que também era da UFF, topou e nós duas ficamos acordadas de que na volta à Niterói organizaríamos o grupo. Assim foi. Sempre gostei de estudar o tema ciência e fé e achei que seria muito enriquecedor discutir e trocar ideias com outros. Acho que essa vontade também é presente em outras pessoas, porque o grupo tem atraído o interesse dos que ouvem falar de sua existência. Temos no grupo professores, alunos, funcionários, ex-alunos, professores de outras instituições e pessoas da comunidade do entorno da UFF. Isso demonstra a carência de locais onde se possa aprender ou discutir esses temas.

Os participantes relatam que têm aprendido bastante e já temos alguns se oferecendo para preparar os assuntos para a discussão. Acredito que o grupo faz diferença para os cristãos na universidade quando traz a sua fé para mais próxima do dia-a-dia acadêmico e os prepara para pensar de forma única sobre esses assuntos. O grupo ainda é novo, mas pretendemos ser mais na universidade, trazendo esse assunto ao conhecimento daqueles que não sendo cristãos nunca tiveram a oportunidade de saber como a cosmovisão cristã abrange assuntos relacionados à ciência.

E os novatos?



Alessandro Melgaço é líder do grupo de Pará de Minas/Mg. Ele é graduado em Engenharia de Sistemas de Produção pela UFMG; MSc em Production Systems Engineering pela Universidade de Warwick; e Engenharia de Sistemas Espaciais pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Desenvolveu projetos de manufatura para redução do peso veicular em parceria com a Jaguar/Land Rover e atuou no desenvolvimento de compósitos de nanotubos de carbono no International Institute of Nanocomposites Manufacturing (IINM). Foi o vencedor do Ruptura 2017, desafio de empreendedorismo apoiado pela FCA, Embracer e Banco Inter com um projeto de IoT para baterias automotivas. Atua como Engenheiro de Produção na Petrobrás e Inspetor Tesoureiro do CREA-MG. É professor de EBD e guitarrista no ministério de louvor.

Já realizamos 4 encontros com uma impressionante constância de aproximadamente 20 pessoas, que em sua maioria estão participando desde o primeiro encontro. Boa parte dos participantes são membros da Primeira Igreja Batista, local onde ocorre os encontros, mas a cada semana aumenta a participação de amigos e familiares destes, sendo que muitos nunca haviam pisado em uma igreja evangélica!

Percebo que a maior defasagem está em um - quase completo - desconhecimento da ciência, e por isso boa parte do tempo é destinado para a explicação desta. Agradeço a Deus que tem direcionado o estudo de maneira impecável, de forma que a medida que o conteúdo é explicado inúmeras dúvidas vão surgindo oportunamente, fazendo com que um alarme precise soar para nos limitar a apenas 1:30h de encontro.

Está claro que, para esse grupo, o entendimento científico tem levado a uma compreensão mais profunda das próprias escrituras, fortalecendo a fé de muitos, e levando-os a uma busca maior por conhecimento!

Grupos pelo Brasil



- 1) Barra Mansa/RJ
- 2) Barueri/SP
- 3) Belém 1/PA
- 4) Belém 2/PA
- 5) Belo Horizonte 1/MG
- 6) Belo Horizonte 2/MG
- 7) Belo Horizonte 3/MG
- 8) Brasília/DF
- 9) Campinas/SP
- 10) Campo Grande/MS
- 11) Charqueadas/RS
- 12) Curitiba/PN
- 13) Florianópolis/SC
- 14) Fortaleza/CE
- 15) Goiânia/GO
- 16) Jatai/GO
- 17) João Pessoa/PB
- 18) Maceió/AL
- 19) Niterói/RJ
- 20) Osório/RS
- 21) Pará de Minas/MG
- 22) Paranaguá/MG
- 23) Picos/PI
- 24) Porto Alegre/RS
- 25) Pouso Alegre/MG
- 26) Recife/PE
- 27) Rio de Janeiro - UFRJ
- 28) Rio de Janeiro - UERJ
- 29) Rio de Janeiro - UFRJ Rural
- 30) Salvador/BA
- 31) Santos/SP
- 32) São Luis
- 33) São Paulo
- 34) Sobral/CE
- 35) Sorocaba/SP
- 36) Teresina/PI

E novos grupos vão surgindo...



FAÇA PARTE DE UM GRUPO!



- Reúna pessoas em sua igreja que queiram conversar sobre ciência e fé;
- Reúna seus amigos de faculdade para discutir como conciliar fé na ambiente acadêmico;
- Os cristãos presentes nestes ambientes precisam ser nutridos, encorajados e preparados;
- Os Grupos de Estudo existem porque temos uma missão e acreditamos que junto à igreja local podemos ser um fagulho e assim ampliarmos nossa ação nos outros ambiente;

Interessados enviem e-mail para contato@cristaosnaciencia.org.br

POVO FALA...

“

Associação sem precedentes no Brasil. Sou grato ao Senhor por participar desse engajamento cristão na ciência, de volta ao mandato cultural desenvolvendo descobertas para a glória de Deus, excluindo o mito do velho conflito.

Anderson Peterman - Limeira/SP

”

“

A ABC² tem me ajudado muito a entender como fé e ciência se relacionam e dialogam. Uma comunidade de cristãos que enxerga na natureza e em seu estudo oportunidades para glorificar a Deus.

Alan Endalécio - Rio de Janeiro

”

“

A Associação é um importante aliado para o cristão contemporâneo, que busca agradar e conhecer o Senhor compreendendo para isso também o mundo e a sociedade. Devemos agradecer ao Criador, interagindo com as coisas criadas da maneira que Lhe agrada.

Lukas Jordão - Juínas

”

“

Tive a oportunidade de participar da I Conferência. Não tenho palavras para descrever a felicidade que sinto em ver esse projeto acontecendo, já que a universidade, muitas vezes, é um ambiente hostil à fé cristã, e ver nomes de peso nesse projeto me motiva a continuar participando das próximas conferências e aulas que virão. Conte comigo!

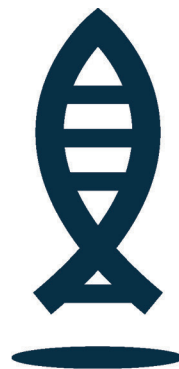
Lucas Chagas - Santana de Parnaíba

”

10 E 11 DE SETEMBRO/2018

**III FÓRUM
AVANÇADO**

Cristãos
na Ciência



TECNOLOGIA

Local: Belo Horizonte

Tema: "Reflexões sobre a tecnologia na sociedade contemporânea"

II CONFERÊNCIA NACIONAL CRISTÃOS NA CIÊNCIA

Razão e Propósito no Universo: Fé, Ciência e Teleologia

1 a 3 de novembro de 2018

Mar Hotel Convention - Recife / PE

PALESTRANTES CONVIDADOS



Andrew Briggs



Michael Murray



Tremper Longman



Jennifer Wiseman



Sérgio Queiroz



Guilherme de Carvalho



Roberto Covolan



Gustavo Assi

VALOR

R\$

~~380~~

Confira nossos preços promocionais no site,
a partir de R\$100,00 com prazos limitados.

MAIS INFORMAÇÕES:

cristaosnaciencia.org.br/cn2/ ou (31) 3019-7884

